A Virgem Maria como Madrinha

Jørgen Engebretsen Moe

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Muito, muito longe, numa grande floresta, vivia certa vez um casal pobre. A mulher deu à luz uma criança, uma linda menina; mas, como eram pobres, não sabiam como levar a criança ao batismo. Certo dia, o homem teve de sair para ver se encontrava padrinhos que pudessem pagar a oferta por conta própria. Andou o dia inteiro, procurando um e outro, mas todos diziam que aceitavam ser padrinhos, embora nenhum julgasse ter condições de pagar a oferta. Ao voltar para casa ao anoitecer, encontrou uma bela mulher, que vestia roupas magníficas e parecia tão bondosa e amável. Ela se ofereceu para providenciar o batismo da criança, mas depois queria ficar com ela. O homem respondeu que primeiro precisava perguntar à esposa o que ela queria. Quando chegou em casa e contou aquilo, porém, a mulher disse um não categórico. No segundo dia, o homem saiu outra vez, mas ninguém queria ser padrinho se tivesse de pagar a oferta, e de nada adiantou pedir. Quando voltava para casa ao anoitecer, encontrou novamente a bela mulher, que parecia tão afável, e ela lhe fez a mesma proposta. Tornou a contar à esposa o que lhe havia acontecido, e ela disse então que, se também no dia seguinte ele não encontrasse padrinhos para a criança, teriam de deixá-la com aquela mulher, já que ela parecia tão bondosa e amável. No terceiro dia em que saiu, o homem tampouco encontrou padrinhos. Quando, à noite, tornou a encontrar a mulher amável, prometeu entregar-lhe a criança, desde que ela lhe providenciasse o batismo e a fé cristã. Pela manhã, ela foi à casa onde o homem morava, acompanhada de dois homens, pegou a criança e a levou à igreja, onde foi batizada. Depois a levou para sua própria casa, e ali a menina

viveu com ela por vários anos. A mãe adotiva era sempre bondosa e amável com ela.

Quando a menina cresceu o bastante para começar a compreender as coisas, a mãe adotiva se preparou para viajar.

— Você pode andar por todos os aposentos, por onde quiser — disse à menina. — Só não pode entrar nos três quartos que vou lhe mostrar.

Então partiu. Mas a menina não conseguiu deixar de entreabrir a porta de um dos quartos, e, zás!, uma Estrela saiu voando. Quando a mãe adotiva voltou, ficou muito aflita porque a Estrela havia saído voando. Também se zangou com a filha adotiva e ameaçou expulsá-la de sua casa. Mas a criança chorou e suplicou tanto que recebeu permissão para ficar. Algum tempo depois, a mãe adotiva precisou viajar novamente e tornou a proibir a menina de entrar nos dois quartos em que ainda não havia estado. Ela prometeu tomar cuidado, mas, depois de passar algum tempo sozinha, pensando e pensando no que poderia haver no segundo quarto, não conseguiu resistir a entreabrir um pouco a porta para espiar e, zás!, a Lua saiu voando. Quando a mãe adotiva voltou e viu que a Lua havia escapado, ficou muito triste e disse à menina que já não podia mantê-la consigo: agora ela precisava ir embora. Mas a menina chorou tão sentidamente e suplicou com tanta doçura que também dessa vez recebeu permissão para ficar. Algum tempo depois, a mãe adotiva precisou viajar outra vez. Recomendou então com toda a seriedade à menina, que já era quase uma moça, que não tentasse de modo algum entrar no terceiro quarto nem olhar lá dentro. Mas, depois que a mãe adotiva estava fora havia algum tempo e a menina passara muito tempo sozinha, aborrecida, pensou: “Deus, como seria divertido espiar um pouco o terceiro quarto!” Primeiro pensou que não faria aquilo, por consideração à mãe adotiva. Mas, na segunda vez em que lhe veio a ideia, já não conseguiu se conter: achava que precisava, de

qualquer jeito, olhar dentro do quarto. Entreabriu um pouco a porta e, zás!, o Sol saiu voando. Quando a mãe adotiva voltou e viu que o Sol havia saído voando, ficou profundamente triste e disse que a menina já não poderia continuar com ela. A filha adotiva chorou e suplicou ainda mais docemente do que antes, mas não adiantou.

— Não, agora preciso castigá-la — disse a mãe. — Mas você pode escolher: ou será a mulher mais bonita de todas e não poderá falar, ou será a mais feia de todas e poderá falar. Mas precisa ir embora daqui.

— Então prefiro ficar bonita — disse a menina.

E assim aconteceu, mas desde aquele momento ficou muda.

Depois de deixar a mãe adotiva, andou e andou por uma floresta muito, muito grande. Por mais que caminhasse, nunca chegava ao fim dela. Ao cair da noite, subiu numa árvore alta, que ficava bem acima de uma fonte, e se acomodou ali para dormir. Perto dali havia um castelo, de onde, bem cedo na manhã seguinte, veio uma criada buscar água na fonte sobre a qual a menina estava, para o chá do príncipe. A criada viu o belo rosto na água e pensou que fosse o seu. Atirou o balde, correu de volta para casa, empinou a cabeça e disse:

— Se sou tão bonita, certamente sou boa demais para andar carregando água.

Mandaram outra buscar água, mas aconteceu exatamente o mesmo com ela: também voltou dizendo que era bonita demais e boa demais para ir à fonte buscar água para o príncipe. Então o próprio príncipe foi, pois queria ver o que estava acontecendo. Quando chegou à fonte, também viu a imagem e logo olhou para cima. Foi então que percebeu a bela menina sentada na árvore.

Convenceu-a a descer e a levou para casa. Queria a todo custo tê-la como sua rainha, porque ela era tão bonita, mas sua mãe, que ainda vivia, não queria.

— Ela não sabe falar — dizia — e pode muito bem ser uma criatura dos trolls.

Mas o príncipe não sossegou enquanto não conseguiu se casar com ela. Depois de viverem juntos por algum tempo, ela engravidou. Quando ia dar à luz, o príncipe mandou pôr uma forte guarda ao redor dela. Mas, na hora do parto, todos adormeceram. Depois que ela deu à luz, sua mãe adotiva apareceu, fez um corte no dedo mínimo da criança e, com o sangue, sujou a boca e os dedos da rainha. Disse-lhe:

— Agora você ficará tão triste quanto eu fiquei quando deixou a Estrela escapar.

Então desapareceu com a criança. Quando os que estavam de guarda acordaram, pensaram que a rainha havia comido o próprio filho, e a velha rainha quis mandá-la queimar. Mas o príncipe a amava de todo o coração e, por fim, conseguiu, à força de súplicas, livrá-la do castigo. Foi por muito pouco. Na segunda vez em que a jovem rainha ia dar à luz, puseram uma guarda duas vezes mais forte que a anterior. Mas tudo aconteceu exatamente como antes, com a única diferença de que a mãe adotiva lhe disse:

— Agora você ficará tão triste quanto eu fiquei quando deixou a Lua escapar.

A rainha chorou e suplicou — pois, quando a mãe adotiva estava ali, ela podia falar —, mas de nada adiantou. Agora a velha rainha queria a todo custo mandá-la queimar, mas também dessa vez o príncipe conseguiu, com suas súplicas, livrá-la. Quando a rainha ia dar à luz pela terceira vez, puseram ao seu redor uma guarda três vezes maior, mas tudo aconteceu outra vez da mesma maneira: a mãe adotiva veio enquanto a guarda dormia, pegou a

criança, fez um corte em seu dedo mínimo e sujou com o sangue a boca da rainha. Disse então que agora a rainha ficaria tão triste quanto ela própria havia ficado quando o Sol escapara. Dessa vez, o príncipe não conseguiu salvá-la de maneira alguma. Ela tinha de ser queimada, custasse o que custasse. Mas, no instante em que a conduziam para cima da fogueira, de repente viram a mãe adotiva chegar com as três crianças. Levava duas pela mão e a terceira no braço. Aproximou-se da jovem rainha e disse:

— Aqui estão seus filhos: agora você os terá de volta. Sou a Virgem Maria, e fiquei tão triste quando você deixou o Sol, a Lua e a Estrela escaparem quanto você esteve triste agora. Você já sofreu o castigo pelo que fez e, de agora em diante, poderá falar novamente.

Todos podem imaginar como ficaram felizes a rainha e o príncipe, mas ninguém consegue dizer. Desde então, foram sempre felizes, e a mãe do príncipe também passou a gostar da jovem rainha.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução integral por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-virgem-maria-como-madrinha-moe